

Moção A – Outro conelho é possível!

Conjunturas além-fronteiras:

As primeiras décadas do século XXI têm sido marcadas, a nível internacional, por uma reorganização política internacional. É no seguimento destas mutações internacionais que se aprofundam os reflexos sociais de uma globalização cada vez mais desigual e é, também, no decurso desta reorganização, operada entre as diversas potências imperialistas e os seus aliados, que se processa a Guerra na Ucrânia.

Aproveitando o pretexto bélico, as potências ocidentais têm vindo a aprofundar um conjunto de políticas antissociais, de cariz liberal, deteriorando ao mesmo tempo ainda mais a democracia e as liberdades, o que tem gerado, por parte dos diversos povos, uma forte e coerente oposição.

Na senda desta oposição, vão surgindo, com força renovada, uma panóplia de alternativas ao modelo económico vigente que merecem a nossa mais séria análise. Em França, a esquerda progressista, liderada por Jean-Luc Mélenchon, obteve um resultado bastante expressivo, ficando a meros 1,2% de disputar a segunda volta com o Presidente incumbente. O seu resultado demonstra, mais uma vez, a importância de centrar o debate político em torno da vida concreta das populações: trabalho, clima e segurança social.

Face ao crescimento da extrema-direita Francesa, a sua candidatura optou por polarizar a disputa política com o poder económico – representado, politicamente, pelo Presidente Emmanuel Macron – atacando, desta forma, pela raiz, os problemas que permitem este recrudescimento reacionário. Também no Chile, na Irlanda do Norte, e em muitos outros países por este mundo fora, a chama de uma nova sociedade, preconizada por aqueles que não se conformam com a miséria a que o capitalismo nos condena, vai fazendo o seu caminho em busca de um maior apoio popular.

Do mundo, para o país:

Em Portugal, após alguns anos em que o nosso povo assistiu - graças à ação do Bloco de Esquerda - a uma parca recuperação dos seus rendimentos acompanhada, em simultâneo, por um travão à política de destruição dos serviços públicos levada a cabo pela direita, o PS obteve uma maioria absoluta. Estas maiorias, tal como a história nos relembra, indicam-nos que o PS se encontra livre para implementar, sem condicionantes, a totalidade da sua agenda ideológica - em muitos parâmetros semelhantes à da direita e suas respectivas agendas. O PS é hoje o partido de turno ao serviço do liberalismo.

Contra esta tentativa, o Bloco de Esquerda mobiliza-se, em Santa Maria da Feira como no país, na defesa intransigente de uma política alternativa – de valorização do trabalho, em detrimento dos lucros milionários de alguns, à custa de quem trabalha e produz, e de reconstrução de novos serviços públicos, como a Escola Pública e o SNS, em vez da sua progressiva desvalorização.

Somos a força que não vê dignidade na precariedade, que não aceita que quem trabalha não consiga pagar as contas e que, face à inflação, se coloca ao lado do nosso povo, contra quem lhe procura subtrair direitos. Somos, por isso mesmo, a força que, ao invés de subtrair, soma as demais lutas e aspirações do povo português na busca incansável pelo socialismo e pela liberdade. Sempre foi assim, e assim continuará a ser. O Bloco de Esquerda afirma-se, portanto, como força alternativa ao “centrão dos interesses”, com uma proposta política mobilizadora e transformadora. É por isso, afinal, que lutamos.

Onde estamos?

Ao longo da sua existência no concelho de Santa Maria da Feira, o Bloco de Esquerda assumiu um papel de escrutínio e seriedade no exercício da sua oposição política à nefasta governação do Partido Social Democrata (PSD). Com o esforço e a dedicação de diversos camaradas e simpatizantes, conseguimos travar lutas e apresentar alternativas políticas aos demais problemas dos Feirenses e do concelho Lista A - Candidatura à C. C. C. do BE de Santa Maria da Feira de Santa Maria da Feira.

A política de Marketing e de interesses diversos levada a cabo pelo PSD no concelho permite uma hegemonia eleitoral que tem como resultado longas maiorias absolutas de privatizações e má gestão do erário público. A fraca oposição e por vezes aproximação do Partido Socialista em relação às decisões do executivo camarário em nada contribuem para romper com a era laranja que nos governa desde a implementação da democracia no nosso país.

Nas últimas eleições autárquicas, o Bloco em Santa Maria da Feira, acompanhando uma tendência nacional do partido e de outros partidos à esquerda do Partido Socialista, perdeu votos em comparação aos resultados obtidos nas eleições de 2017. Os motivos e considerações acerca desse resultado eleitoral foram debatidos num amplo debate com todas e todos aqueles que livremente participaram na campanha eleitoral. Porém, apesar de uma relativa perda de votos, o Bloco, pela primeira vez - graças ao esforço e dedicação das suas bases militantes - conseguiu apresentar candidatura a 20 freguesias no concelho, e elegeu na Assembleia de Freguesia de Fiães, com um resultado sem precedentes na cidade

As batalhas do presente, para um concelho com futuro para todos

Tanto no país, como em Santa Maria da Feira, o arco da governação PSDCDS-PS definiu uma estratégia, clara e não assumida, que tem como objetivo privar os cidadãos do acesso a serviços públicos de qualidade e que contribuam para uma maior justiça social. Esta estratégia tem 4 fases distintas: 1) a 'fase do desinvestimento' no serviço público, provocando-lhe problemas funcionais e estruturais graves; 2) a 'fase da propaganda liberal', onde a privatização surge como a solução para resolver os problemas criados pelo desinvestimento; 3) a 'fase da negociata', onde o serviço público é colocado à disposição da burguesia que comanda; 4) a 'fase da selvajaria de mercado', onde a precariedade e a exploração laboral se traduzem num serviço insuficiente ou demasiado caro, e no qual o Estado ou o cidadão são entendidos como meros clientes. Em Santa Maria da Feira enfrentamos diferentes campos de batalha. Se por um lado a concessão da exploração da água e saneamento à Indaqua se encontra já na fase da 'selvajaria Lista A - Candidatura à C. C. C. do BE de Santa Maria da Feira de mercado', na educação assistimos à

implementação encapuzada da ‘fase do desinvestimento’. A defesa do serviço público é, portanto, uma necessidade central da nossa ação política, e faz-se pela reivindicação intransigente de serviços 100% públicos e capazes de dar resposta às necessidades da população. E isto só se faz com mais investimento.

O que têm Santa Maria da Feira, Arouca, Paredes, Santo Tirso e Póvoa do Varzim em comum? São os 5 concelhos da área metropolitana do Porto onde o Valor mediano do rendimento bruto declarado em 2019 (últimos dados disponibilizados pelo INE) foi mais baixo. No nosso concelho assistimos a uma propaganda do PSD que se recusa a aprovar um voto de saudação pelo 1.º de Maio porque na proposta se menciona que em Santa Maria da Feira se praticam salários baixos. Esta negação da realidade mostra que a agenda para a valorização dos salários é um conjunto de fait divers completamente desconectados da realidade. A isto soma-se uma inflação cada vez mais penalizadora, e principalmente sentida pelos estratos sociais mais desfavorecidos. A valorização do trabalho é o principal mecanismo de combate às desigualdades sociais e tem de ser um foco central da nossa luta política.

Noutros campos, temos um serviço público de transportes anedótico e que não responde às necessidades da população. A habitação pública é insuficiente e enfrentamos um problema efetivo de habitação em Santa Maria da Feira, estabelecido por valores de mercado que criam problemas gravíssimos aos estratos sociais mais desfavorecidos. As políticas de proteção ambiental são ineficientes e marcadas por um desinvestimento colossal. Queremos mais transportes, mais habitação pública, mais ambiente.

Ação, mãos à obra:

As diferenças visíveis na estratégia política e a ruptura com os modelos tradicionais de propaganda dos demais partidos “do regime”, no que diz respeito ao Bloco de Esquerda, fez com que o partido conseguisse aumentar a sua influência social e, em momentos específicos, assumisse um papel determinante na agenda política nacional. Ora, é tempo de resgatar essa audácia da narrativa e colocar, em Lista A - Candidatura à C. C. C. do BE de Santa Maria da Feira

cima da mesa, os assuntos que realmente importam às gentes que vivem do seu trabalho, e em concreto no concelho de Santa Maria da Feira.

Debater os problemas concretos que afetam a vida dos Feirenses e apresentar propostas para os resolver, como os preços excessivos da água; a falta gritante de transportes públicos; os escassos apoios sociais; a inexistência de uma política coerente de educação; os inadaptados serviços públicos; um urbanismo do século passado repleto de barreiras arquitetónicas; crimes ambientais recorrentes; inexistência de políticas municipais de bem-estar animal; baixos salários e precariedade generalizada no concelho, etc. torna-se premente. Só com a devida análise do contexto político vigente no nosso concelho será possível potenciar uma linha política ampla e abrangente de oposição e construção de maiorias sociais junto da população.

Composição do órgão eleito:

- | | | |
|-------------------|-----------------------|------------------------|
| 1. Tiago Paiva | 10. Pedro Ferreira | 19. Moisés Ferreira |
| 2. Eduardo Couto | 11. Amadeu Oliveira | 20. Paulo Mendes |
| 3. Renata Malta | 12. Diana Silva | 21. Helena Fonseca |
| 4. Tomás Nery | 13. Cristiano Moreira | 22. Pedro Soares |
| 5. Luís Sá | 14. Rufino Figueiredo | 23. Ana Isabel Pereira |
| 6. Fernanda Lopes | 15. Beatriz Oliveira | Suplentes: |
| 7. Paulo Oliveira | 16. José Jesus | 1. Mário Cruz |
| 8. Joaquim Dias | 17. André Lima | |
| 9. Bárbara Pinto | 18. Anabela Oliveira | |